

## **Crime e castigo no Porto de setecentos: relato poético de um enforcamento falhado**

### **Crime and punishment in Porto in the 18th century: poetic account of a failed hanging**

### **Crime et châtiment à Porto au XVIIIe siècle: récit poétique d'une suspension échouée**

### **Crimen y castigo en Porto en el siglo XVIII: relato poético de un ahorcamiento fallido**

Francisco Topa  
CITCEM-Universidade do Porto  
franctopa@gmail.com

**Resumo:** Na passagem dos 150 anos da abolição da pena de morte em Portugal para os crimes civis, este artigo estuda e edita um longo poema anónimo, provavelmente do início do século XVIII, sobre um enforcamento falhado na cidade do Porto. O autor sublinha as informações documentais fornecidas pelo texto e discute o sentido da sua orientação satírica.

**Palavras-chave:** Pena de morte; forca; século XVIII; Porto.

**Abstract:** On the 150th anniversary of the abolition of the death penalty in Portugal for civil crimes, this article studies and publishes a long anonymous poem, probably from the early 18th century, about a failed hanging in the city of Porto. The author underlines the documentary information provided by the text and discusses the meaning of its satirical orientation.

**Keywords:** Death penalty; hanging; 18th century; Porto.

**Résumé:** Au 150e anniversaire de l'abolition de la peine de mort au Portugal pour les crimes civils, cet article étudie et publie un long poème anonyme, probablement du début du XVIIIe siècle, sur une suspension échouée dans la ville de Porto. L'auteur souligne les informations documentaires fournies par le texte et discute la signification de son orientation satirique.

**Mots-clés:** peine de mort; gibet; XVIIIe siècle; Porto.

**Resumen:** En el pasaje de los 150 años de la abolición de la pena de muerte en Portugal para los crímenes civiles, este artículo estudia y edita un largo poema anónimo, probablemente de principios del siglo XVIII, sobre un ahorcamiento fallido en la ciudad de Porto. El autor subraya las informaciones documentales proporcionadas por el texto y discute el sentido de su orientación satírica.

**Palabras clave:** Pena de muerte; horca; siglo XVIII; Porto.

A passagem dos 150 anos da abolição da pena de morte em Portugal para os crimes civis constitui uma boa oportunidade para trazer a público uma espécie de crónica poética sobre um enforcamento falhado no Porto de setecentos. Sem nome de autor e sem data, o texto intitula-se “Egloga dos Pastores / Gil e Torcato / Silva burlesca: / contando as perversas açoens de hum insigne / ladrão, pirata, e matador que se enforcou no / Porto chamado o braço forte.”. O poema, como tantos outros de tipo circunstancial e orientação burlesca, terá tido apenas circulação manuscrita, estando recolhido numa miscelânea, também não datada, da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: trata-se do Ms.

388, intitulado «Coleção / De varias / Obras / Poeticas. / Tomo / 1», em que ocupa os ff. 61v-75.

A forca e o enforcado têm tido assinalável presença na literatura e na arte em geral, particularmente na pintura. Isso deve-se, antes de mais, à importância desses motivos na vida social – que felizmente tem vindo a desaparecer nos dois últimos séculos, pelo menos como punição<sup>1</sup> –, mas está também relacionado com temas conexos, como sejam a morte, a justiça ou o erro. Tendo sido durante muito tempo a principal forma de execução, a forca impôs-se como uma espécie de teatro, com uma coreografia própria e um leque alargado de atores, visando um propósito teoricamente instrutivo e dissuasivo, mas com uma inevitável componente recreativa que ajudava a gerir tensões, coletivas e individuais. Além disso, a dimensão de *performance* tornava cada ato único, abrindo a possibilidade da surpresa, do inesperado, do “milagre”. Para além da reação do condenado, que podia ir da contrição humilde até ao desprezo sarcástico e altaneiro, também a morte podia ser mais ou menos rápida, com maior ou menor sofrimento do executando, havendo ainda espaço para o imprevisto, de tipo sério (como a revelação da inocência do sentenciado), cómico (uma queda na escada de acesso ao cadafalso ou o rompimento da corda, por exemplo) ou sobrenatural (é longa a lista de milagres deste tipo, sobretudo no período medieval, a começar pelo que é atribuído a Santo António e que permitiu a salvação do seu pai e passando pela complexa tradição que envolve a lenda do senhor do galo de Barcelos<sup>2</sup>). No caso da literatura portuguesa não faltam exemplos – de Gil Vicente a Camilo – da presença de figuras de enforcados ou da alusão a enforcamentos, embora sejam raros os casos em que o tema ocupa uma posição central ou suscita uma reflexão mais complexa, do género da que nos oferece o ensaio de 1931 de George Orwell, *A Hanging*.

O poema que motiva este artigo – e cuja edição anotada apresento no final<sup>3</sup> – tem a particularidade de ser uma espécie de crónica, em registo burlesco, de um caso caricato (o condenado à forca acaba por morrer afogado). Apresenta-se assim como um bom exemplo das singulares relações entre literatura e história, duas formas diferentes de ler e dizer o mundo mas que se alimentam de forma recíproca. De facto, e reconhecendo

---

<sup>1</sup> Embora ainda esteja bem presente na memória coletiva o enforcamento, por exemplo, de Saddam Hussein, antigo presidente do Iraque, no final de 2006.

<sup>2</sup> Cf. Lima, 1965.

<sup>3</sup> Aproveito a oportunidade para agradecer as observações de um dos *referees* do trabalho, que me permitiram melhorar o artigo e ampliar a anotação do poema.

embora as especificidades e as convenções do discurso literário, há no poema uma dimensão histórica, pelo menos dupla: por um lado, uma série de elementos para a história cultural e das mentalidades, relacionados com as representações da morte por decisão judicial; por outro, um conjunto de informações documentais sobre um processo e o respetivo cerimonial.

Como veremos mais à frente, é provável que o acontecimento em causa, a ter ocorrido, date do final do século XVII ou do início da centúria seguinte, meia dúzia de décadas antes de uma obra que começaria a mudar de modo decisivo o pensamento europeu e americano em matéria de direito penal, abrindo assim caminho para a abolição da pena de morte: *Dei delitti e delle pene*, de Cesare Bonesana, Marquês de Beccaria, cuja 1.<sup>a</sup> edição, ainda anónima, é de 1764. No capítulo 11, “Della tranquillità pubblica”, encontramos um conjunto de perguntas que mostram com clareza a orientação iluminista da reforma proposta pelo autor:

Ma quali saranno le pene convenienti a questi delitti? La morte è ella una pena veramente *utile e necessaria* per la sicurezza e pel buon ordine della società? La tortura e i tormenti sono eglino *giusti*, e ottengon eglino il *fine* che si propongono le leggi? Qual è la miglior maniera di prevenire i delitti? Le medesime pene sono elleno egualmente utili in tutt’i tempi? Qual influenza hanno esse su i costumi?<sup>4</sup> (Beccaria, s.d.: 30)

Para além das restrições que coloca à pena capital, Beccaria também condena o espetáculo que acompanha as execuções, sublinhando o seu efeito perverso sobre quem assiste:

La pena di morte diviene uno spettacolo per la maggior parte e un oggetto di compassione mista di sdegno per alcuni; ambidue questi sentimenti occupano più l'animo degli spettatori che non il salutare terrore che la legge pretende ispirare.<sup>5</sup> (Beccaria, s.d.: 71)

---

<sup>4</sup> Tradução (minha): “Mas quais serão as penas adequadas para esses crimes? A morte é uma pena verdadeiramente *útil e necessária* para a segurança e para a boa ordem da sociedade? A tortura e o tormento são *justos* e asseguram *os fins* a que as leis se propõem? Qual é a melhor maneira de prevenir os crimes? As mesmas penas são igualmente úteis em todos os tempos? Que influência têm elas sobre os costumes?”

<sup>5</sup> Tradução (minha): “A pena de morte converte-se num espetáculo para a maior parte e num objeto de compaixão misturado com desdém para alguns; ambos os sentimentos ocupam mais a mente dos espectadores do que o saudável terror que a lei pretende inspirar.”

Esta análise das práticas penais como parte da anatomia política seria desenvolvida séculos depois por Michel Foucault, no seu clássico livro de 1975, *Surveiller et punir: Naissance de la prison*<sup>6</sup>. No capítulo II, intitulado “A ostentação dos suplícios”, o pensador francês analisa com grande finura os contornos e as finalidades daquilo a que chama a liturgia da punição, considerando que:

O suplício penal não corresponde a qualquer punição corporal: é uma produção diferenciada de sofrimentos, um ritual organizado para a marcação das vítimas e a manifestação do poder que pune: não é absolutamente a exasperação de uma justiça que, esquecendo os seus princípios, perdesse todo o controle. Nos “excessos” dos suplícios se investe toda a economia do poder. (Foucault, 1986: 35)

Na *Égloga dos Pastores Gil e Torcato* não há, evidentemente, nem oposição à pena de morte nem reflexão sobre o significado do ritual que a acompanha. Em vez disso, temos a celebração zombeteira do enforcamento como castigo, ao longo de um texto que contém numerosas informações sobre um processo e o seu cerimonial. É justamente por este aspeto que começarei a breve análise do texto.

Para aferir convenientemente o valor de tais informações, importaria confrontar o poema com outras fontes, designadamente o processo judicial – admitindo que a silva burlesca usa como ponto de partida um caso *real*, efetivo. Este é contudo um caminho sem saída, pelo menos de momento: não consegui encontrar a documentação forense nem identificar o réu e a própria datação dos acontecimentos é incerta<sup>7</sup>. Torcato, o pastor que no poema relata e comenta o acontecimento público, identifica o réu pela alcunha de Braço Forte<sup>8</sup> e assaca-lhe dois tipos de atividades criminosas: por um lado, o ataque a navios, o saque dos seus bens e a morte dos seus ocupantes (o que faria dele “Mouro na vida, Turco nos costumes”, v. 176); por outro, o plano para fazer explodir a enxovia em que estava preso (vv. 320-4), atingindo o Tribunal da Relação do Porto. Parece ser esta última a causa da sua condenação à morte: “até que sendo disto delatado, / o deu a Relação por condenado.” (vv. 357-8). É justamente nessa longa passagem em que Torcato narra a

---

<sup>6</sup> Usarei a tradução brasileira referida na bibliografia final.

<sup>7</sup> Não chegou até nós a documentação do Tribunal da Relação do Porto anterior ao século XIX. Por outro lado, o rol de executados que António Luís de Sousa Henriques Secco (1880) elaborou também não inclui nenhum caso semelhante ao que está em análise.

<sup>8</sup> Designação igualmente usada em diversos poemas satíricos pelo baiano Gregório de Matos para se referir ao criado do governador António de Sousa de Meneses.

carreira criminal do Braço Forte, numa tentativa de convencer o seu interlocutor da semrazão das suas mágoas, que surge um elemento que ajuda a localizar no tempo os supostos acontecimentos: na opinião do pastor, os *Garmachas* “pios são em tal maneira / que mandaram à forca da Ribeira / a quem por ser rapina aquém das telhas / merecia enforcar-se em Mijavelhas.” (vv. 155-9). O lugar de Mijavelhas, correspondente ao atual Campo 24 de Agosto, tinha, segundo Magalhães Basto (1963: 188), uma forca que pertencia ao concelho e era reservada para a execução de ladrões. Ora, essa forca só terá existido até pouco depois de 1714, data em que a Misericórdia – a quem competia acompanhar os sentenciados – apresenta uma petição reclamando a sua transferência para a Ribeira, usando como argumento a grande distância entre a cadeia e o lugar de Mijavelhas (*Colleção Chronologica*, 1791: 294-5). Com base nestes elementos, podemos pois admitir que o caso se terá passado entre o final do século XVII e a primeira quinzena de anos de setecentos, num período em que as duas forcas (a de Mijavelhas, do Concelho, e a da Ribeira, da Relação) funcionaram em simultâneo.

Menos controvertida é a descrição do cortejo, que coincide de forma próxima com a reconstituição de Magalhães Basto (1934: 486-8): o préstito sai da cadeia da Relação com pompa comparável à de um triunfo romano (vv. 369-73); o condenado, que “a rasoura levou de mui bom corte” (v. 94), “Gadelheira não leva nem perruca” (v. 385) e vai “bem amanhado” (v. 377), “a alva sobre si” (v. 386), “de ponto em branco, as cores de adamado” (v. 378) e “nas esposadas mãos levava um Cristo” (v. 381); quanto ao acompanhamento, “nas costas uma tropa se lhe via / e na vanguarda a nobre Infantaria” (vv. 395-6). O percurso também coincide globalmente com o que está descrito na bibliografia histórica: desce a Ferraria (hoje Rua dos Pelames), segue pelo Souto e depois pela Bainharia e Mercadores, chegando à Ribeira, “onde o conforta / a Emperatriz do Céu lá sobre a porta; / e ouvindo meia Missa com fervor, / deixou a outra meia a um caçador” (vv. 467-70). A dimensão pública do evento também é destacada: “Fervendo estava a praia com a gente, / homens, mulheres ordenadamente, / grandes, piquenos, nobres e o plebeu, / até colos de canga e cus de breu.” (vv. 481-4). O desfecho (verídico ou ficcional?) do caso parece constituir uma forma adicional de sátira: ao subir a escada para o cadafalso, “mentindo-lhe um pé que mal firmou, / dela caiu abaixo e se afogou” (vv. 499-500)<sup>9</sup>. A

---

<sup>9</sup> O cariz burlesco da passagem parece indesmentível, tanto mais que a forca da Ribeira era – pelo menos desde 1709 – um dispositivo fixo, colocado entre a Porta da Ribeira e o Pelourinho, a uma distância que tornava impossível a queda no rio.

morte acaba assim por cumprir-se e o corpo dará mais tarde à costa, depois de “um geral clamor e gritaria” (v. 501) e da exclamação do confessor: “– Oh, quem pegara em ti quando caíste, / alma minha gentil que te partiste!” (vv. 515-6).

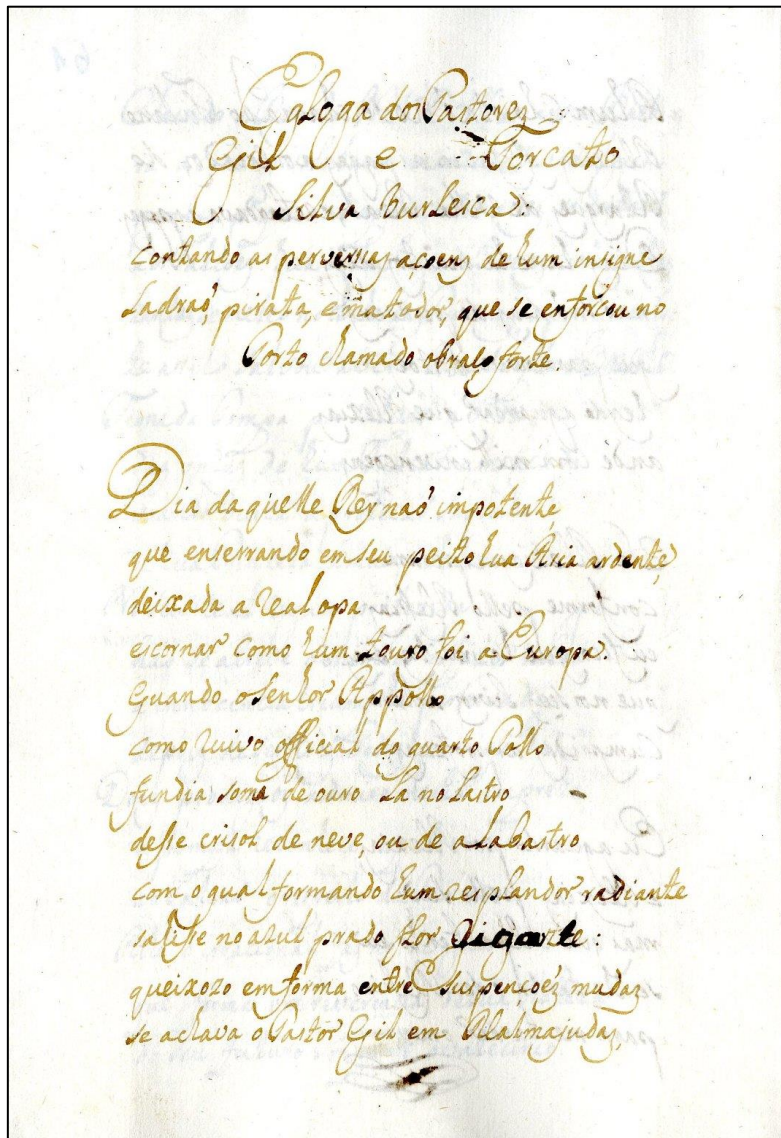
Como ficou dito, este relato surge enquadrado numa égloga, modalidade clássica da poesia bucólica quase sempre marcada pelo diálogo entre pastores, que discutem amores não correspondidos ou, mais raramente, refletem sobre questões morais ou filosóficas. No caso que nos ocupa, os elementos iniciais parecem apontar para o respeito por esse modelo: um dos pastores, Gil, dirige em vão as suas queixas, de sentido impreciso, aos elementos da natureza, primeiro a fonte de Malmajudas, depois os rochedos dos Guindais. Mas, como o subtítulo o indicava já, esta égloga assume a forma de uma silva burlesca, pelo que os sinais de paródia não tardam a surgir, traduzindo-se em expressões de tipo popular ou até grosseiro e obsceno, num registo satírico cujo alcance não é imediatamente compreensível. À primeira vista, o alvo é Gil, que esteve a ponto de suicidar-se por causa do desgosto provocado pela morte do criminoso alcunhado Braço Forte. Didaticamente, Torcato, o outro pastor, desconstrói a imagem do malfeitor e relata a sua execução, convencendo temporariamente o seu interlocutor da falta de sentido do seu sofrimento: “Com olhos rasos de água ali se via / o Pastor Gil, mas ela não corria, / pois os canos por onde transbordava / Torcato com rezões logo as secava” (vv. 281-4). Porém, o desfecho escatológico do poema parece sugerir uma crítica bem mais larga, que abarca o mundo e os seus valores, indo assim muito para lá dos reparos pontuais que vão surgindo ao longo do texto, dirigidos a práticas como os amores freiráticos ou a instituições como a justiça.

Feitas estas considerações introdutórias, importa agora ceder a palavra ao autor anónimo de um poema cujo riso, como sempre acontece, parcialmente nos escapa, numa prova da instabilidade dos textos e da instabilidade do mundo. Antes de terminar, acrescento apenas que os critérios de transcrição usados são idênticos aos que tenho seguido para a edição de textos deste período<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Cf., por exemplo, Topa, 2012: 45-55.

## Apêndice



Ms. 388 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, f. 61v

## Égloga dos Pastores Gil e Torcato

Silva burlesca:

contando as perversas ações de um insigne ladrão, pirata e matador que se enforcou no Porto, chamado o Braço Forte.

Dia daquele Rei não impotente<sup>1</sup>  
 que encerrando em seu peito uma Ásia ardente,  
     deixada a real opa,  
 escornar como um touro foi a Europa<sup>2</sup>;  
 5           quando o Senhor Apolo<sup>3</sup>,  
 como ruivo oficial do quarto Polo<sup>4</sup>,  
 fundia soma de ouro lá no lastro  
 desse crisol de neve ou de alabastro,  
 com o qual formando um resplendor radiante<sup>5</sup>  
 10   saísse no azul prado flor gigante;  
 queixoso em forma, entre suspensões mudas,<sup>6</sup>  
 se achava o Pastor Gil em Malmajudas<sup>7</sup>,  
 fonte que com a neve que desata  
 ao hidrópico Douro a sede mata,  
 15   o qual, como a barriga inchada sente,  
 sem constituir bicornes ao Grão Tridente<sup>8</sup>,  
 à barra corre para ali mijar  
 na pia de Anfitrite<sup>9</sup>, Sol do mar;  
 bem que podia algum juízo fino

<sup>1</sup> Esta passagem parece indicar que o episódio ocorreu numa quinta-feira, dia que, entre os romanos, era consagrado a Júpiter.

<sup>2</sup> Alusão ao episódio mitológico de Júpiter e Europa, a bela filha de Aginor e Telefassa. Depois de a ver, o chefe dos deuses ficou apaixonado e decidiu raptá-la, transformando-se para isso num belo touro branco.

<sup>3</sup> Apolo – deus da mitologia greco-romana identificado com o Sol.

<sup>4</sup> quarto Polo – Sol.

<sup>5</sup> Por razões métricas, é obrigatória a leitura com ectilipse: *co{m} o/ qual/ for/man/do um/ res/plan/dor/ra/dian/te*.

<sup>6</sup> Este verso apresenta uma acentuação menos comum: (2)-4-9-10.

<sup>7</sup> Malmajudas – antiga fonte existente na cidade do Porto, na freguesia de S. Nicolau.

<sup>8</sup> *Grão Tridente* refere-se a Neptuno, deus romano das águas, identificado com o grego Posídon, que tinha no tridente um dos seus símbolos. O verso tem sentido jocoso: sem tornar Neptuno cornudo.

<sup>9</sup> Anfitrite – mulher legítima de Posídon (Neptuno), era uma das Nereides.



20 dizer que o caso é contra o Tridentino<sup>10</sup>.

Nesta se achava fonte, como digo,  
 nem todo leite Gil, nem todo trigo<sup>11</sup>,  
 pesado o vulto, carregada a fronte,  
 um escândalo enfim da clara fonte,  
 25 que por não vê-lo tão brumado e triste,  
 corre com pés de prata e não lhe assiste.

“– Para, choroso diz, por que me deixas  
 sem o motivo ouvir de minhas queixas?  
 E se vês minhas penas tão agudas,  
 30 como agora a senti-las mal me ajudas?”  
 Mas ela que na cousa está mui fria,  
 se se movia, não se compungia;  
 antes bem com discurso e sem juízo  
 do que ouvia mijava-se com riso.

35 Virava-se o Pastor para os Guindais<sup>12</sup>  
 e com dobrados ais  
 formava seus queixumes aos rochedos;  
 porém eles, mais duros que uns penedos,  
 sentem só e sem medra,  
 40 mais que a de Gil, a sua dor de pedra,  
 pois que as de Frei Bretoldo Negro manhas  
 c’os negros pós lhes queimam as entranhas,  
 ao que devera ter horror não pouco,  
 o Pai Garcia não, mas o cabouco.<sup>13</sup>  
 45 Bem quisera queixar-se ao seu rebanho  
 que pelas penhas traz grosso e tamanho;

<sup>10</sup> *Tridentino* tem sentido duplo: referindo-se, pelo contexto, a Neptuno, não deixa de aludir também ao Concílio da Igreja Católica realizado em Trento no século XVI, do qual sairia a reação à Reforma Protestante.

<sup>11</sup> Morais regista a expressão *estar trigo* com o sentido de *estar com ânimo*. Levando em conta que *mar de leite* significa *mar calmo*, talvez possamos admitir que o verso significa *nem muito calmo, nem muito nervoso*.

<sup>12</sup> Guindais – escarpa sobre o rio Douro, pertencente à freguesia da Sé, com um grande aglomerado de casas.

<sup>13</sup> O sentido dos vv. 41-44 não é claro.

porém como o deixou nas Fontainhas<sup>14</sup>,  
 pausa pôs ao clamor e ladainhas.  
 Se olhara para os Crúzios<sup>15</sup>, que da Serra  
 50 com boa estrela estão fazendo guerra {,}  
     aos Serafins de Clara[,]<sup>16</sup>  
 fora-lhe a apelação não pouco cara,  
 pois aqueles com cruz, estes com penas,  
 as de Gil tornariam mais serenas;  
 55 porém enganaria-se o Pastor,  
 julgando ser martírio o que era amor;  
 e não se adoçam por comunicados  
 males aos que de amor são inflamados,  
 pois a de amor feliz correspondência  
 60 pede toda a atenção, toda a advertência;  
 quanto mais que o rapaz Rei dos frecheiros<sup>17</sup>  
 cego é nas grades, surdo nos outeiros;  
 bem que poderá<sup>18</sup> haver algum Pastor  
 a quem dê audiência o mouco amor,  
 65 principalmente havendo ocasião  
 de se chegar o báculo ao surrão<sup>19</sup>.  
 Mas saibam as que acodem tanto ao bago<sup>20</sup>  
 que este espremido dá sangue-de-drago<sup>21</sup>,  
 o qual se é para as quedas frutuoso,  
 70 para as bentas das mãos é mui danoso.  
     Enfim desenganado  
     o Pastor Gil de não haver achado

<sup>14</sup> Fontainhas – escarpa da cidade do Porto sobre o rio Douro e zona habitacional de larga tradição.

<sup>15</sup> Referência ao Convento de Santo Agostinho da Serra, fundado em 1536. Localizado em Vila Nova de Gaia, é comumente designado por Mosteiro da Serra do Pilar.

<sup>16</sup> Alusão ao Mosteiro de Santa Clara, fundado em 1416, na freguesia da Sé.

<sup>17</sup> Referência a Cupido, deus romano equivalente ao grego Eros. Filho de Vénus e de Marte, era geralmente representado como um menino alado que carregava um arco e um arcas com setas, que disparava sobre o coração de homens e deuses.

<sup>18</sup> Por razões de métrica, *poderá* deve ser lido com síncope: *pod'ra*.

<sup>19</sup> surrão – bolsa de couro usada pelos pastores. Entenda-se: havendo hipótese de unir a força ou a ameaça física (representada pelo báculo) ao interesse por bens materiais (representado pelo surrão).

<sup>20</sup> bago – dinheiro.

<sup>21</sup> sangue-de-drago – resina avermelhada, escura, que exsuda do caule da árvore-do-dragão, usada na produção de vernizes e com propriedades anti-hemorragicas, antidiarreicas e antiblenorrágicas.

nem nos duros penhascos dos Guindais,  
 nem nos da fonte fúlgidos cristais  
 75           alguma piedade,  
 a afogar-se no Douro se persuade;  
 e sem dizer o *vade retro*, logo  
               com fúria, ímpeto e fogo,  
 a seu Custódio esquerdo<sup>22</sup> obedecendo,  
 80   ao *mitte te deorsum*<sup>23</sup> vai cedendo.  
 “– Para, tem mão, detém-te, mentecapto!”  
 lhe diz clamando o bom Pastor Torcato<sup>24</sup>,  
               que vinha de caminho  
 de outra fonte que está no Carvalhinho<sup>25</sup>.  
 85   “– Que é isto que fazer querias,<sup>26</sup>  
 deixando cá o gado co’as tosquias?”  
 “– Que há de ser (lhe diz Gil), se tosquiado  
 me há o Demo um carneiro, não capado,  
               mas morto com vergonha,  
 90   como se ele tivesse alguma ronha.”  
 “– É esse (lhe tornou Torcato) acaso  
 um que há dias na praia ficou raso<sup>27</sup>,  
               chamado o Braço Forte,  
 que a rasoura<sup>28</sup> levou de mui bom corte?”  
 95   “– Esse é (respondeu Gil agoniado)  
 e julgo não ser bem sentenciado,  
 pois era Herói de feitos tão famosos  
 como dirão os mares procelosos;  
               mas os Senhores Becas<sup>29</sup>,  
 100   cujas justiças são Secas e Mecas[,]  
               ao calcanhar do Limbo

---

<sup>22</sup> Custódio esquerdo – o Diabo.

<sup>23</sup> São as palavras com que o demónio tenta pela terceira vez Jesus no deserto: “Si Filius Dei es, mitte te deorsum” (Mt 4: 6), isto é, “Se és o Filho de Deus, lança-te daqui abaixo”.

<sup>24</sup> Note-se a rima *mentecapto* / *Torcato*.

<sup>25</sup> fonte do Carvalhinho – ficava na margem direita do Douro, abaixo das Fontainhas.

<sup>26</sup> Mesmo que admitamos a leitura de *querias* com síncope, o verso é hipermétrico.

<sup>27</sup> raso – no sentido de cortado pela base, rapado, isto é, figuradamente, morto.

<sup>28</sup> rasoura – ato de fazer a barba ou rapar o cabelo, a que eram sujeitos os condenados à forca.

<sup>29</sup> Becas – em sentido metonímico, desembargadores.

o irão pagar nas brasas do cachimbo,  
 que depois de fazer muitas das suas,  
 o tomou Lucifer numa das luas,  
 105 que como nas fumaças é famoso,  
 tomar sua<sup>30</sup> cachimbada foi forçoso.”  
 “– Tapa (acode Torcato) a boca, amigo,  
 que estes Garnachas<sup>31</sup>, nota o que te digo,  
 quando não se acomodem,  
 110 inda que sabem pouco, muito podem;  
 e se sabem que és Zoilo<sup>32</sup>, mandarão  
 ao Senhor de Solar dar-te um gibão<sup>33</sup>;  
 e não convém que um Mote que estes nota  
 nas costas de uma carta o glose um Mota.”  
 115 “– Assim é, meu Torcato, Gil replica,  
 mas sempre neste peito a mágoa fica  
 de ver mataram quasi de repente  
 outro Jacques do mar<sup>34</sup>, sendo inocente.”  
 “– Que dizes, torna em ti (acudiu logo  
 120 o bom Torcato) e que me escutes rogo;  
 dize-me: que proezas,  
 que bizarrias fez, que gentilezas,  
 esse Braço a que o vulgo chama Forte,  
 sendo de todo o modo e toda a sorte  
 125 o mais frágil, mais débil e o mais fraco  
 que nas fronteiras militou de Caco<sup>35</sup>?  
 Se souberas quem foi o Braço Forte,  
 jamais lhe sentirias sua morte,

---

<sup>30</sup> Por razões métricas, *sua* deve ser lido como monossílabo.

<sup>31</sup> Garnachas – em sentido próprio, becas de desembargador; por metonímia, desembargadores.

<sup>32</sup> Zoilo – crítico, detrator.

<sup>33</sup> gibão – subentenda-se: *gibão de açoutes*, registado por Bluteau com o sentido de “açoutes que se dão nas costas”.

<sup>34</sup> Jacques do mar – talvez se trate de uma alusão ao pirata francês huguenote que, em 1540, apresou uma nau da frota do governador-geral do Brasil, matando 40 missionários jesuítas, beatificados em 1854 sob o título de os Quarenta Mártires do Brasil.

<sup>35</sup> Caco – filho de Vulcano, vivia numa gruta do Aventino. Tinha três cabeças, cuspidor fogo pelas três bocas. Viria a ser morto por Hércules, pelo facto de lhe ter roubado alguns animais da manada que o herói furtara a Gérion.

antes te pejarias<sup>36</sup> de haver sido  
 130 amante de um sujeito tão perdido.  
       Dize-me: nunca ouviste  
 aquela horrenda voz e pregão triste  
       das muitas inclemências  
 que no mar fez a tantas inocências?  
 135 Dize: não te chegaram aos ouvidos  
 os lastimosos ais, tristes gemidos  
       de uma nobre donzela  
 que tirando-a da cama nua e bela,  
 no mar a lança, para a qual já vai  
 140 a ver nele também lançado o Pai,  
 servindo o mar de triste sepultura  
 à que era Sol flamante em fermosura?  
 Dize: não te chegou a que usou manha,  
 depois que obrou tão bárbara façanha,  
 145 mandando dos defuntos (traça horrenda!)  
 de noite à terra em barcos a fazenda  
 e dando de manhã fogo ao navio,  
 à praia se acolheu com falso brio,  
 imaginando o Povo eram queimados  
 150 os que a ambição no mar tinha afogados?  
 Aqui o tens por tão cruel traição  
 juntamente homicida e mais ladrão;  
       e se ainda<sup>37</sup> rezões achas  
 para culpares de ímpios os Garnachas,  
 155 sabe que pios são em tal maneira  
 que mandaram à forca da Ribeira<sup>38</sup>  
 a quem por ser rapina aquém das telhas  
 merecia enforcar-se em Mijavelhas<sup>39</sup>.

---

<sup>36</sup> pejar-se – ter pejo, vergonha.

<sup>37</sup> Por motivos métricos, *ainda* deve ser lido com aférese: *'inda*.

<sup>38</sup> forca da Ribeira – há notícia da transferência da forca de Mijavelhas para o Cais da Ribeira em 1714. Contudo, de acordo com A. de Magalhães Basto (1968: 168), existia aqui uma forca antes dessa data, conhecida como forca da Relação.

<sup>39</sup> Mijavelhas – havia neste local, correspondente ao atual Campo 24 de Agosto, uma forca que, segundo Magalhães Basto (1963: 188) pertencia ao concelho e era reservada para a execução de ladrões.

Passo em silêncio os mais que ao mar deitou  
 160 e a grande tirania que mostrou  
 em um dos arrojados, que lançando  
 mão de um calibre para se ir lançando,  
 pela cabeça foi atravessado  
 com um chuço por ele e ao mar lançado,  
 165 indo ensopado em sangue tão sem mágoa  
 o corpo que ao depois se afogou n'água.  
 Deixo também o tempo em que passou  
 para um baxel de Mouros, em que andou  
 feito cossário<sup>40</sup> vil, feito pirata  
 170 no rio, só por se engolfar da prata;  
 vindo também à foz do rio Douro  
 para levar o conjugal tesouro,  
 se, por ter já seu génio exp'rimentado  
 não lhe escapara como a renegado,  
 175 pois era já segundo alguns vislumes<sup>41</sup>,  
 Mouro na vida, Turco nos costumes.

“Estas narradas em estilo seco  
 as gentilezas são deste Pacheco,  
 deste Albuquerque, deste Castro forte<sup>42</sup>  
 180 e outros em quem poder não teve a morte;  
 bem que o nosso valente sem querer  
 da morte exp'rimentou o grão poder.

“Falar não quero em sua consciência,  
 pois debuxada fica na aparência;  
 185 mas se saber quiseres,  
 direi alguma cousa por saberes.

---

<sup>40</sup> cossário – variante arcaica de *corsário*.

<sup>41</sup> vislume – variante antiga de *vislumbre*.

<sup>42</sup> Alusão irónica a uma passagem de *Os Lusíadas*, de Camões: “um Pacheco fortíssimo e os temidos / Almeidas, por quem sempre o Tejo chora, / Albuquerque terrível, Castro forte,” (I, 14, vv. 5-7). Pacheco refere-se a Duarte Pacheco Pereira, navegador, militar e cosmógrafo; Albuquerque a Afonso de Albuquerque, governador da Índia; e Castro a D. João de Castro, vice-rei da Índia.

Se na nau Galga<sup>43</sup> alguém queria entrar,  
 cá fora havia as contas de deixar,  
 como se não pudessem do adversário  
 190 triunfar os três terços do Rosário,  
 c’os quais se viu o Turco com espanto  
 lá vencido no Golfo de Lepanto<sup>44</sup>.

Pois quanto à confissão,  
 nunca a sofria, quanto mais então,  
 195 imaginando acaso como errante  
 que em dizer que pecara era pecante<sup>45</sup>!  
 Sendo que pela carga do pecado  
 muitos baixéis no mar hão naufragado,  
 como se viu na de Joppsen naveta  
 200 que assaz brumava o pecador Profeta<sup>46</sup>,  
 se o marino Dragão já morto e vivo  
 do naufrágio não traga o incentivo.”

“– Certo que fico, amigo, esbasbacado<sup>47</sup>  
 (lhe diz Gil) do que aqui me tens contado;  
 205 e se acaso o que dizes é verdade,  
 não se pode fingir maior crueldade.”

“– Adverte, Gil (lhe torna ali Torcato),

---

<sup>43</sup> nau Galga – a expressão, que também ocorre no v. 524, tanto pode fazer referência a uma embarcação real como pode ser lida em sentido conotativo. No primeiro caso, é conhecida na história da América portuguesa uma nau com esse nome em que o primeiro governador-geral, Tomás de Sousa, fez vir de Cabo Verde algumas partidas de gado. Nesse sentido, *nau Galga* talvez possa ser entendida como “nau dos animais”. Na hipótese de a expressão não apontar para um referente histórico, devemos ter em conta que *galga* também significa, ainda hoje, “mentira”, “peta”.

<sup>44</sup> Referência à Batalha de Lepanto, travada a 7 de outubro de 1571 no Golfo de Lepanto, na Grécia, em que a esquadra da Liga Santa, uma aliança cristã, derrotou os turcos otomanos, pondo fim à sua expansão no Mediterrâneo ocidental.

<sup>45</sup> pecante – provavelmente na aceção familiar registada por Morais: “diz-se do que tem certa fraqueza, ou balda (defeito, hábito vicioso)”.

<sup>46</sup> pecador Profeta – Jonas, protagonista do livro do Antigo Testamento que leva o seu nome. Enviado pelo Deus de Israel a Nínive para dizer aos assírios que devido à sua crueldade iriam sofrer a ira divina caso não se arrependessem dentro de quarenta dias, temeu pela sua vida e fugiu em direção a Társis, na Península Ibérica. Ocorre contudo uma violenta tempestade durante a viagem, que só termina quando Jonas é lançado ao mar. Engolido por um “grande peixe”, passa três dias no seu estômago. Arrependido, é devolvido à praia, seguindo para Nínive a cumprir a sua missão.

<sup>47</sup> esbasbacado – variante arcaica de *embasbacado*.

que não sou eu tão pouco timorato  
 que te dissesse cousas tão pesadas  
 210 sem que fossem por todos divulgadas;  
 mas já que ouviste os dotes daquela alma  
 que da afeição te tem levado a palma,  
         ouve agora pintar  
 de seu corpo o donaire, a graça e o ar.  
 215 Dize: em que foste pôr tua afeição?  
 Em um corpo de tal disposição  
         que tomou por empresa  
 nem ter nem fazer nunca gentileza?  
 Em um rosto estafermo dos mosquitos  
 220 no qual fazem das suas os malditos?  
 Numa cara lá vinda do queimado<sup>48</sup>,  
 de açúcar sim, mas esse mascavado?  
 Em uns olhos de coco-da-Baía  
 que podem fazer medo à rapazia<sup>49</sup>?  
 225 Em um nariz que por desgraça sua  
 o viste sempre estar no andar da rua?  
 Em uma boca (não de Sacavém)<sup>50</sup>  
 que ao feitio do cu serralhos tem?  
 Enfim numa estatura e corpo guapo  
 230 de ratinho que a um gato não faz papo?<sup>51</sup>  
         Este é, Gil, o composto  
 por quem banhas em lágrimas o rosto?  
 Este é o gentil-homem cuja morte  
 sentes com tanta mágoa e pena forte?  
 235 Para sentir-se a morte de Absalão

---

<sup>48</sup> queimado – zona tórrida ou zona tropical.

<sup>49</sup> rapazia – o mesmo que rapazio ou rapaziada, garotada, bando de rapazes.

<sup>50</sup> *boca de Sacavém* é a boca do rio Tejo, por onde este desagua no mar. Em sentido figurado, a expressão significa portanto uma boca enorme.

<sup>51</sup> Entenda-se: ratinho cujo tamanho não enche a barriga de um gato. *ratinho* pode ter aqui significado duplo: além do sentido próprio, pode referir-se também ao beirão que vai procurar trabalho nos campos do Alentejo e de parte da Estremadura, sobretudo na época da colheita de trigo. Esta figura foi usada como tipo cómico nos autos de Gil Vicente e de outros dramaturgos quincentistas.



pendente de um carvalho<sup>52</sup>, houve rezão,  
 pois ainda<sup>53</sup> que mofino, essa fineza  
 era tributo à sua gentileza!  
 Mas que um Judas<sup>54</sup> tão feio, sobre mau,  
 240 por inforçar-se em outra planta ou pau,  
 possa haver quem lhe sinta a sua morte,  
 não se poderá crer de alguma sorte!  
 Se se inforcara o caro Mardoqueu<sup>55</sup>,  
 todos o sentiriam, também eu;  
 245 mas que um Amã na forca pendurado  
 que o lamentasse alguém, não o hei achado!  
 Se o grato e leal Cusai<sup>56</sup> se vira morto,  
 ficara o sentimento nele absorto,  
 mas que se sinta a forca a Aquitofel<sup>57</sup>,  
 250 nem ele mesmo o diz, sendo infiel!  
 Mais exemplos pudera aqui trazer  
 sem a fábula alguma recorrer,  
   mas estes bastarão  
 para moderar, Gil, tua paixão.”  
 255 “– No que dizes estou (diz Gil) agora,  
 mas qual foi, dize, a causa da demora  
   desse homem tão daninho  
 não morrer ou na forca ou pelourinho?”

---

<sup>52</sup> Absalão era o terceiro filho do rei David, tendo tentado usurpar o trono do pai. Derrotado por Joab, comandante do exército de David, fugiu, ficando acidentalmente a sua cabeça presa num carvalho. Acabaria por ser morto, apesar das ordens em contrário de David, que chorou o seu desaparecimento.

<sup>53</sup> *ainda* deve ser lido com aférese: *'inda*.

<sup>54</sup> Judas – Judas Iscariotes, um dos doze apóstolos, que vendeu Jesus a seus inimigos, acabando depois, arrependido, por enforçar-se numa árvore que, segundo a tradição, seria uma figueira.

<sup>55</sup> Mardoqueu e Amã – Mardoqueu era o tutor de Ester, que acompanha na corte quando esta se torna rainha, dando sempre provas de lealdade e denunciando conspirações. Graças a ele, os planos de Amã para destruir os judeus do império da Pérsia abortaram. Amã viria a ser executado na forca que tinha mandado erigir para Mardoqueu.

<sup>56</sup> Cusai (ou Huchai) – amigo e conselheiro de David. Depois da revolta de Absalão, ficou em Jerusalém como David lhe pedira e conseguiu, pela sua astúcia, que os conselhos perigosos de Aquitofel não fossem atendidos.

<sup>57</sup> Aquitofel (ou Aitofel) – conselheiro de David, viria a trai-lo para vingar a sua família, aderindo às hostes de Absalão. Vendo contudo que o seu conselho para travar batalha imediata contra David não foi seguido, retirou-se para a sua terra e enforcou-se.

“– A causa foi (Torcato a Gil responde)  
 260 ou porque Pedro, a quem o Céu esconde,  
 não quis usar do ferro contra Judas,  
 tendo para o fazer rezões miúdas  
 (pois ainda<sup>58</sup> na ocasião mais brava e irada,  
 das orelhas não passa alçando a espada<sup>59</sup>),  
 265 ou porque entenderia  
 que algum dia o ladrão se enforcaria,  
 maiormente no tempo em que João  
 dos crimes já sabia do ladrão;  
 ou também porque os Becas, quais Romanos,  
 270 se quiseram mostrar com ele humanos,  
 de algum modo outorgando-lhe perdão  
 pela aura popular de alguma ação  
 da morte indigna como foi aquela  
 que obrou nos mares, onde com cautela  
 275 vencendo-o o inimigo atroz, que a pique  
 lhe metia o baxel, porque não fique  
 em seu poder, num férreo globo em volta  
 a bandeira real no lago solta;  
 ação digna de peitos mais sublimes!  
 280 Porém este a eclipsou com tantos crimes.”

Com olhos rasos de água ali se via  
 o Pastor Gil, mas ela não corria,  
 pois os canos por onde transbordava  
 Torcato com rezões logo os secava;  
 285 se bem não tinha Gil inda esgotado  
 algum cano, pois vejo-o um tanto aguado,  
 deve de ser que tem alguns raposos  
 que são carnosidades dos chorosos,  
 e fora mui pior ter o rapaz

<sup>58</sup> A métrica impõe que *ainda* seja lido com aférese: *'inda*.

<sup>59</sup> De acordo com os Evangelhos, quando Judas Iscariotes veio com os soldados para prender Cristo, Pedro sacou a espada e cortou a orelha do soldado Malco.

290 neto da espuma, filho do Forjaz.<sup>60</sup>  
 Porém n'arca dos olhos já não tinha  
 ao morto algum amor, que a ladainha  
 que lhe cantou Torcato lho trocou  
 num fastio fatal com que ficou;

295 e assim, sem mágoa e dor,  
 a Torcato replica o bom Pastor:  
 “– Se esse homem já estava perdoado,  
 como saiu à praça condenado?”  
 “– A rezão é (lhe torna ali Torcato)

300 porque fazer queria um desacato  
 tão fero, horrendo, ingente e temeroso  
 que quando o ouvisse o Douro de medroso,  
 com o rabo metido entre as pernas,  
 se acolheria às infernais cavernas.

305 Caso de tanto estrago e tanto estrondo  
 que toda aquela máquina em redondo  
 da Relação, dos Bentos<sup>61</sup>, Anjo<sup>62</sup> e Graça<sup>63</sup>  
 se sumiria na fatal desgraça  
 e pode ser que como extraordinário

310 chegasse aos Carmelitas e ao Calvário<sup>64</sup>;  
 não falo já nas casas mais vezinhas  
 que a respeito dos Templos são casinhas,

---

<sup>60</sup> Não é claro o sentido deste verso. Como se sabe, Afrodite (ou Vénus) nasceu da espuma do mar; nesse sentido, *neto da espuma* deverá designar – ironicamente – um dos filhos de Afrodite, provavelmente Eros (ou Cupido).

<sup>61</sup> Provável alusão ao Convento de São Bento da Vitória, cuja construção começou em finais do século XVI mas só ficou definitivamente concluída em 1707.

<sup>62</sup> Referência ao Recolhimento da Rainha Santa Isabel do Anjo (ou simplesmente Recolhimento do Anjo), que foi fundado em 1672 pela viúva D. Helena Pereira, com o apoio dos poderes episcopal, municipal e régio. A instituição destinava-se ao acolhimento de mulheres desamparadas (órfãs, jovens donzelas, senhoras casadas e viúvas). Uma vez demolido, surgiria em seu lugar, em 1837, o Mercado do Anjo (na hoje designada Praça de Lisboa).

<sup>63</sup> Deve tratar-se da Igreja de Nossa Senhora da Graça, fundada em 1651 e demolida no final do século XIX para a construção da Escola Politécnica. Nesse edifício funciona hoje a Reitoria da Universidade do Porto.

<sup>64</sup> O Tribunal da Relação estava, desde 1608, instalado num edifício situado no morro da Vitória, junto à Porta do Olival. Ficavam nas imediações os dois espaços mencionados: Carmelitas (Convento dos Carmelitas Descalços, fundado em 1619, e igreja, concluída pouco depois; o primeiro dos edifícios serve hoje de quartel à G.N.R.) e Calvário (a zona correspondente às atuais ruas das Carmelitas e de Santa Teresa era conhecida até ao século XVIII como Calvário Velho, tendo sido aí fundado, em 1704, o Convento de São José e de Santa Teresa, de Carmelitas Descalças).

mas tudo ficaria arruinado  
 pelo poder do Braço Forte armado.”

315 “– Que Diabo era isso (Gil instava)  
 e que raio voraz ou fera brava,  
 pois segundo mo inculcas, por tramoia  
 o cavalo parece ser de Troia?”  
 Já Torcato à proposta diferia:

320 “– Isso não era, Gil, mas na enxovia  
 intentava o valente fazer mina  
 recheada c’os pós que Marte ensina<sup>65</sup>,  
 para que com o fogo em um instante  
 tudo abrasasse quanto visse diante.

325 Vê tu agora, se isto sucedesse  
 em alguma manhã quando estivesse  
 o sacro Presidente em Relação;  
 valha-me Deus! Que trágica aflição!  
 Que cruel pena! Que tirana dor

330 seria ver arder o bom Pastor,  
 cujas ovelhas bentas e sagradas  
 ficariam por cá desgovernadas!  
 Que lástima seria dos Garnachas  
 servindo ao fogo ali de secas achas!

335 Sem ponderar por ora que das chamas  
 poderiam passar as ígneas camas;  
 pois há justiças tais, segundo alcanço,  
 que esperar podem só este descanso.  
 Que seria do Povo em tal estrago

340 vexado<sup>66</sup> c’o bastão que anda c’o bago?  
 É certo que se fosse então queimado,  
 não poderia ser mais abrasado.  
 Que seria enfim, Gil, do Braço Forte,  
 maquinador da sua mesma morte!

---

<sup>65</sup> Marte é o deus romano da guerra, pelo que os *pós* deverão ser entendidos como substâncias explosivas.

<sup>66</sup> Creio que *vexar* deve ser entendido no sentido de “oprimir” e que *bastão* e *bago* devem ser encarados, respetivamente, como insignias do poder militar e eclesiástico (bago, segundo Morais, pode designar o báculo de que usam os bispos).

345                   Algoz da própria vida  
                       e dos mais presos bárbaro homicida!  
                       Ele daquele fogo passaria  
                       para um pior que a lenda infernal cria,  
                       pois Aquitofel, Judas, Saul<sup>67</sup> vão,  
 350                   Pórcia<sup>68</sup>, Lucrecia<sup>69</sup> e Dido<sup>70</sup> em fogo estão;  
                       nem valerá dizer que se salvou  
                       o valente Sansão<sup>71</sup> que se matou.  
                       Pois além de o fazer estando cego,  
                       teve ordem lá de cima, o que cá nego.  
 355                   Isto intentava pois, amigo Gil,  
                       fazer o louco com horrendo ardil,  
                       até que sendo disto delatado,  
                       o deu a Relação por condenado.”  
                       “ – Pasmado estou (diz Gil) e agora fico  
 360                   mais confirmado aqui de que é iníquo,  
                               porque não só contente  
                       com tirar tanta vida a tanta gente,  
                       queria ali matar-se e a muitos mais  
                       para ir arder nas chamas infernais.  
 365                   Mas como foi, Torcato,  
                       a morte desse bruto?” “– Eu ta relato  
                       (respondeu o Pastor), que como tive

---

<sup>67</sup> Saul – primeiro rei de Israel. Pressionado pela instabilidade do reino e pela crescente popularidade do seu genro David, viria a suicidar-se em Gelboé.

<sup>68</sup> Pórcia – filha de Catão de Útica, foi casada com Bíbulo e, depois, com Bruto, assassino de César. Depois da derrota e suicídio de Bruto, na Batalha de Filipos (42 a.C.), suicidou-se também, engolindo carvão em brasa.

<sup>69</sup> Lucrecia – figura lendária de romana bela e virtuosa, ligada à queda da monarquia. Mulher de Lúcio Tarquínio Colatino, inspirou uma paixão a Sexto, filho de Tarquínio Soberbo. Depois de participar o ultraje ao marido, Lucrecia suicidou-se.

<sup>70</sup> Dido – filha do rei de Tiro e viúva de Siqueu, assassinado por Pigmaleão, irmão de Dido, refugiou-se no Norte de África, onde fundou Cartago. O rei local, Iarbas, que lhe concedera terras para a fundação da cidade, quis forçá-la a casar consigo, mas Dido, para ser fiel à memória do marido, suicidou-se numa pira funerária. Na *Eneida* de Virgílio, Dido apaixonou-se por Eneias, que a abandona para cumprir o seu destino de fundar Roma, acabando a rainha por suicidar-se.

<sup>71</sup> Sansão – de acordo com a sua descrição bíblica, era um nazireu que liderou os israelitas contra os filisteus, distinguindo-se pela sua força sobre-humana. Apaixonou-se por Dalila, uma mulher filisteia, que o traiu depois de saber que os cabelos eram a fonte da sua força. Após ser cegado pelos filisteus, Sansão passou à condição de escravo, vindo a suicidar-se para se vingar de seus inimigos, depois de ter clamado a Deus pela restituição de sua força para um último e definitivo ato.

quem me guardasse o gado que cá vive,  
 à cadeia me fui ao ver sair  
 370 no triunfo<sup>72</sup>, na pompa e no luzir,  
 qual Júlio César<sup>73</sup>, qual Pompeu<sup>74</sup> famoso,  
 qual Paulo Emílio<sup>75</sup>, qual Dentato<sup>76</sup> brioso,  
 o grande Capitão da fama o Décimo,  
 a quem o astuto cobra em tudo péssimo,  
 375 se Excelências<sup>77</sup> não dava,  
 com Senhorias<sup>78</sup> mil lisonjeava.  
 Saiu numa manhã bem amanhado,  
 de ponto em branco<sup>79</sup>, as cores de adamado<sup>80</sup>,  
 espetados os olhos,  
 380 que do alentado peito são ferrolhos;  
 nas esposadas mãos levava um Cristo<sup>81</sup>  
 que jamais até 'li havia visto,  
 e para lhe falar um par não mingua<sup>82</sup>  
 de Jesuítas que lhe ensine a língua.

<sup>72</sup> triunfo – cerimónia honorífica da antiga Roma, concedida aos generais que obtinham vitórias importantes.

<sup>73</sup> Júlio César – Caio Júlio César (\*100 a.C. †44 a.C.), general e estadista romano que se destacou também como orador, historiador e memorialista. Dos seus feitos militares destaca-se a conquista da Gália, que permitiu estender o domínio romano até ao Atlântico. No fim da vida, lutou contra a fação conservadora do senado romano, liderada por Pompeu. Depois da vitória, tornou-se ditador vitalício, iniciando uma série de reformas administrativas e económicas em Roma. O seu assassinato por um grupo de senadores abriu caminho a uma instabilidade política que viria a culminar no fim da República e início do Império Romano.

<sup>74</sup> Pompeu – Gneu Pompeu, o Grande (\*106 a.C. †48 a.C.) foi um general e político romano. Obteve importantes vitórias em África e na Hispânia, derrotou o resto do exército de Espártaco, enfrentou a pirataria no Tirreno, derrotou o rei do Ponto, Mitrídates, sujeitou a Arménia e a Judeia, voltando a Itália com a fama de um novo Alexandre. Integrou o primeiro triunvirato, com César e Crasso. Depois da morte do último, seria derrotado por César, vindo a ser morto no Egito.

<sup>75</sup> Paulo Emílio – Lúcio Emílio Paulo Macedónico (\*c. 230 †160 a.C.) foi um famoso general e político romano. Derrotou o último rei da Macedónia, Perseu, desenvolvendo depois uma política de aproximação cultural com os vencidos, procurando unir a tradição romana à influência grega.

<sup>76</sup> Dentato – Mânio Cúrio Dentato (\*? †270 a.C.), foi um tribuno da plebe, cônsul e censor dos primeiros tempos da República Romana, tendo-se destacado por acabar com as Guerras Samnitas e expulsar o rei Pirro do Épiro. Ficaria conhecido como homem de carácter.

<sup>77</sup> Excelência – forma de tratamento para titulares e personalidades de condição superior, cujo uso foi variando ao longo do tempo.

<sup>78</sup> Senhoria – forma de tratamento tradicionalmente usada com os condes.

<sup>79</sup> de ponto em branco – segundo Morais, o mesmo que *de ponta em branco*, isto é, “de sorte que a lança, ou a espada tope sempre em arma, que cubra o corpo”.

<sup>80</sup> adamado – à maneira das damas.

<sup>81</sup> As mãos do condenado iam amarradas e levavam um crucifixo.

<sup>82</sup> *mingua* deve ser lido com o acento tónico na primeira sílaba.

385 Gadelheira não leva<sup>83</sup> nem perruca<sup>84</sup>,  
mas a alva<sup>85</sup> sobre si e o sol na nuca.  
Na garganta, qual bela e gentil Dama,  
traz um cordão que afogador<sup>86</sup> se chama.  
Para o servir o segue com primor  
390 de sogá e de cutelo um Grão Senhor<sup>87</sup>.  
Não em carro tirado por Leões,  
mas de tigres cercado e de escorpiões,  
vinha com gala e pompa;  
e porque o reto curso ali não rompa,  
395 nas costas uma tropa se lhe via  
e na vanguarda a nobre Infantaria;  
entre as quais, qual Heráclio<sup>88</sup> triunfador,  
descalço leva a Cruz do Redentor.  
As turmas juvenis<sup>89</sup>, que sem trombetas  
400 alternam agradáveis chançonetas<sup>90</sup>,  
no triunfo se mostram tão capazes  
que não parece cousa de rapazes.  
Os carros não se viam e as jangadas  
nos triunfos de Roma celebradas,  
405 que como o triunfo foi feito às carreiras  
longe se achava a Ilha das Madeiras;  
nem o ouro, a prata, as armas e os cativos,  
estes porque no mar os lançou vivos,  
e o mais porque servira ao luzimento  
410 do vencedor, quando o vencia o vento.  
Não se vê o Estandarte Rei dos panos

---

<sup>83</sup> Os condenados à força levavam o cabelo e a barba rapada.

<sup>84</sup> perruca – variante arcaica de *peruca*.

<sup>85</sup> Os réus que iam ser enforcados usavam uma túnica branca.

<sup>86</sup> afogador – ornamento para o pescoço (de pérolas, pedras, etc.); colar, gargantilha. No contexto, tem sentido irónico, designando o barão.

<sup>87</sup> O carrasco seguia atrás do condenado levando a corda para o enforcamento e um cutelo. Este último servia para cortar a corda depois de cumprida a execução.

<sup>88</sup> Heráclio – Flávio Heráclio Augusto (\*c. 575 †641), que se tornou imperador do Oriente em 610, na sequência de uma rebelião contra o Imperador Focas, que executou pessoalmente depois de tomar Constantinopla.

<sup>89</sup> O cortejo era acompanhado por grupos de rapazes.

<sup>90</sup> chançoneta – o mesmo que *chança*, dito zombeteiro ou mordaz.

como o *Senatus Populusque Romanus*<sup>91</sup>.

Mas com as mesmas letras insinua<sup>92</sup>

*Suspendatur Perversus Quercu ruat*<sup>93</sup>.

415 Só a Águia coroada na bandeira  
se vê pintada, sim, mas verdadeira,  
pois a romana que dous colos tinha<sup>94</sup>  
essa Ave não é a Águia que é Rainha.

Chamava o pregão<sup>95</sup> diante com terror  
420 para desenganar o Triunfador,  
dizendo-lhe o que Roma ouviu dizer:  
“Lembra-te que és mortal, que hás de morrer”<sup>96</sup>.

Já caminhando a Ferraria<sup>97</sup> dece  
e pelo metal duro não lhe esquece  
425 seu bruto coração que na frieza  
vencia ao mesmo ferro e na dureza.  
Baixou logo aos Pelames<sup>98</sup>  
e co’a memória em seus labéus infames,  
lhe lembra por aqueles  
430 quantos couros curtiu e esfolou peles.  
Já pelo Souto<sup>99</sup> vai ou Solaria  
e esta rua à lembrança lhe trazia  
quantos deixou em couros lá nos matos,

<sup>91</sup> Esta expressão latina – que significa “O Senado e o Povo Romano” – constituía a designação oficial do Império Romano e era inscrita nos estandartes das legiões.

<sup>92</sup> Note-se a rima *insinua / ruat*.

<sup>93</sup> Tradução livre: “Que o perverso seja enforcado até à morte num carvalho”.

<sup>94</sup> A águia era um símbolo da República e do Império romanos, sendo usada como insígnia das legiões. Mais tarde, passou a ser utilizada a Águia de Duas Cabeças, uma voltada para este e outra para oeste, como símbolo da unidade do Império.

<sup>95</sup> O cortejo devia parar em certos lugares para que o pregoeiro lesse a sentença.

<sup>96</sup> Na Roma antiga, seguia ao lado do triunfador um sacerdote que lhe sussurrava: “Memento mori” (isto é, “Lembra-te de que és mortal”).

<sup>97</sup> Ferraria – mais tarde chamada rua da Ferraria de Cima (para se distinguir de uma outra, localizada à beira-rio, na rua hoje chamada de “O Comércio do Porto”), corresponde à atual rua dos Caldeireiros.

<sup>98</sup> Pelames – pertencente à freguesia da Sé, começa na rua do Souto e termina na rua do Corpo da Guarda. Como o sugere o nome, havia nesta rua uma importante indústria de curtimento de peles.

<sup>99</sup> A rua do Souto fica na freguesia da Sé, começando na rua da Bainharia.



quantos pôs em Aveiro sem sapatos<sup>100</sup>,  
 435 e pasma, sendo tal, não haja mão  
 que lhe chegue com sola ao cordovão<sup>101</sup>.

À Padaria chega  
 e à consideração ali se entrega  
 de ver que sua sorte enfim mesquinha  
 440 nunca com ele fez boa farinha,  
 mas antes por paus hoje de tranqueiras<sup>102</sup>  
 tirana o punha a pão já de padeiras.

Havia de tomar a Rua Escura<sup>103</sup>,  
 mas como vai co'a alva outra procura;  
 445 esta lhe chama o vulgo Bainharia<sup>104</sup>,  
 onde facas, cutelos a arte afia;  
 e quem pode negar que pela rua  
 lhe lembraria a crueldade sua,  
 da qual vencido era no mar tão fero  
 450 como em Castela Pedro<sup>105</sup>, em Roma Nero<sup>106</sup>?  
 Pelos Livreiros<sup>107</sup> passa devagar  
 e bem quisera esta alma ali comprar

<sup>100</sup> pôr em Aveiro sem sapatos – pôr em maus lençóis.

<sup>101</sup> chegar com sola ao cordovão – embora não tenha encontrado a expressão dicionarizada, suponho que equivale a “chegar a roupa ao pelo” ou “bater” (sola é o couro de boi curtido e, por metonímia, pode designar chicote; cordovão é o couro de cabra curtido e, por metonímia e metáfora, pode apontar para corpo).

<sup>102</sup> tranqueira – cerca de madeira feita de estacas, destinada a fortificar algum ponto.

<sup>103</sup> Rua Escura – situada também na freguesia da Sé, tem início na rua da Bainharia, correndo junto à parede norte da muralha primitiva.

<sup>104</sup> Bainharia – é uma das ruas mais antigas do Porto, pertencendo também à freguesia da Sé. A designação parece justamente ter a ver com a grande concentração de *bainheiros*, artesãos que se dedicavam ao fabrico de bainhas para armas brancas.

<sup>105</sup> Pedro – certamente Pedro I, o Cruel (\*1334 †1369), rei de Castela desde 1350 até ao seu assassinato em Montiel pelo seu irmão bastardo e sucessor, Henrique de Trastâmara. Apesar de uma série de aspetos positivos da sua governação, ficaria conhecido pelo rigor e crueldade que aplicou aos seus inimigos.

<sup>106</sup> Nero – imperador romano (\*37 †68) que governou desde 54 até à morte. O seu governo é habitualmente associado à tirania e à extravagância: ordenou uma série de execuções, incluindo a da própria mãe, Agripina, do seu meio-irmão Britânico e de Séneca, seu mestre, acreditando-se que, enquanto Roma ardia, ele se deleitava contemplando o espetáculo e tocando lira. Além disso, foi um implacável perseguidor dos cristãos. A sua morte resultou de suicídio, depois de um golpe de estado de vários governadores.

<sup>107</sup> Como informa Maria Adelaide Meireles (1981: 11), “Não há notícia de ter existido, no Porto, uma rua dos Livreiros”, embora, no século XVIII, as suas lojas se situassem numa zona bem delimitada: “a rua dos Mercadores, a rua das Flores e o Largo de S. Domingos”.

do Mestre Inácio a doutrinal cartilha<sup>108</sup>,  
 porém branca<sup>109</sup> não traz na branca almilha<sup>110</sup>.  
 455 Já pela Rua vem dos Mercadores<sup>111</sup>  
 e ali lhe lembra entre mortais suores  
 que pela droga vil de seus enganos  
 vendera a primavera dos seus anos;  
 e as orelhas torcendo, à sua dor  
 460 as faz a Relação de mercador.

Chegado à Praça via as regateiras  
 de seu valor vulgares pregoeiras,  
 que noutro tempo, se como Egitanas<sup>112</sup>  
 lhe diziam bien-dichas<sup>113</sup> muito humanas,  
 465 já suspendem por ora a ladainha,  
 pois do pregão a letra as reconvinha<sup>114</sup>.  
 À Ribeira chegou, onde o conforta  
 a Emperatriz do Céu lá sobre a porta;<sup>115</sup>  
 e ouvindo meia Missa com fervor,  
 470 deixou a outra meia a um caçador.  
 Pela porta saiu e vendo o Douro,  
 uns arrepios sente já no couro,  
 mas como muitas velas visse estar,  
 suas cócegas tem de se embarcar  
 475 e para o fazer passa o Pelourinho,  
 fazendo-lhe má cara e mau focinho.

<sup>108</sup> Referência à *Doutrina christã, ordenada à maneira de dialogo para ensinar os meninos*, escrita pelo jesuíta Marcos Jorge e publicada em 1566, depois ampliada pelo também jesuíta Inácio Martins (\*1531 †1598) e popularizada com a designação de *Cartilha do Mestre Inácio*.

<sup>109</sup> *branca* tem sentido duplo: na primeira ocorrência, é nome, designando uma moeda de prata de pouco valor; no segundo caso, é adjetivo.

<sup>110</sup> *almilha* – antiga peça de vestuário que se usava entre a camisa e o gibão.

<sup>111</sup> A rua dos Mercadores, que também continua a existir, pertence à freguesia de S. Nicolau. Era um dos principais eixos de circulação vital do Porto antigo, percorrendo a zona exterior à muralha primitiva, desde as imediações da Porta de Sant’Ana até à Praça da Ribeira.

<sup>112</sup> Egitanas – ciganas.

<sup>113</sup> *bien-dicha* – provável variante de *buena-dicha*, sina, fortuna.

<sup>114</sup> *reconvir* – recriminar.

<sup>115</sup> Provável referência à antiga capela de Nossa Senhora da Piedade ou do Cais, construída por cima da Porta da Ribeira. Em sua substituição, seria edificada, em meados do século XVII, a Capela de Nossa Senhora do Ó, ainda existente.

Esperavam-no em seus baixéis nadantes  
os de Setúval e Cascais mercantes;  
os Suecos, os Ítalos e Ingleses  
480 não faltam, porque em tudo são cortesês.  
Fervendo estava a praia<sup>116</sup> com a gente,  
homens, mulheres ordenadamente,<sup>117</sup>  
grandes, piquenos, nobres e o plebeu,  
até colos de canga<sup>118</sup> e cus de breu<sup>119</sup>.

485 Dar sua salva querem as fragatas,  
mas por serem as pólvoras baratas  
as tinha o Triunfador açarmarcadas<sup>120</sup>  
e para as Minas já dantes compradas.  
A bordo quer chegar e pela escada  
490 na nau dos três Reis Magos busca a entrada;  
consigo leva o amigo executor,  
mas outrem ninguém mais que o confessor,  
que um Príncipe Cristão c'os seus amigos  
só leva o confessor para os perigos.

495 Mas oh, desgraça! Oh, infortúnio incrível!  
Oh, caso horrendo! Oh, dor a mais terrível!  
O caso foi que mal subindo a escada,  
lhe acontece uma cousa desestrada,  
pois mentindo-lhe um pé que mal firmou,  
500 dela caiu abaixo e se afogou.

Houve um geral clamor e gritaria  
na praia em toda a gente que isto via;  
uns c'o credo na boca tudo atroam,  
outros c'o nome de Jesus se escoam.

<sup>116</sup> Havia nesta zona uma praia fluvial, antes da reformulação da Praça da Ribeira conduzida no final do século XVIII por João de Almada e Melo.

<sup>117</sup> Este verso apresenta uma acentuação menos comum: 4-10.

<sup>118</sup> colos de canga – carregadores, trabalhadores braçais.

<sup>119</sup> cus de breu – provavelmente escravos.

<sup>120</sup> açarmarcar – variante de *açambarcar*.

505 Começam-se a formar vários juízos,  
 segundo os da maré diversos visos,  
 e entre a espuma que faz se vê com dor  
 a uns parecer peixe roncador  
 e ao seu amigo que não perde o tino

510 lhe pareceu cavalo ser marino;  
 aos que o viam no estreito embaraçado  
 afigurou-se ser peixe linguado;  
 enfim o confessor, que não sabia  
 o que dissesse, entre ânsias lhe dizia:

515 “– Oh, quem pegara em ti quando caíste,  
 alma minha gentil que te partiste!”<sup>121</sup>  
 Mas os que ali falaram sem paixão  
 dizem boa lhe fora a ocasião  
 de se afogar, senão com desafogo

520 a derrota<sup>122</sup> levava à Ilha do Fogo.  
 Chegada a noite, o corpo sai ao Cais  
 que quatro corvos levam e não mais.  
 A cabeça serviu ao romper d’Alva<sup>123</sup>  
 de leão lá na proa da Nau Galga<sup>124</sup>.

525 As Ninfas o choraram desse Douro  
 por lhe chegar a Parca<sup>125</sup> tanto ao couro.  
 Carpi[u]-o com ternura e sem desdém  
 o Penedo das Lágrimas<sup>126</sup> também.  
 Só o Porto não sei que nele achou

530 que tão mal em seus males se portou.

---

<sup>121</sup> Trata-se do *incipit* de um famoso soneto de Camões.

<sup>122</sup> derrota – caminho de uma embarcação, rota.

<sup>123</sup> Note-se a rima *Alva / Galga*.

<sup>124</sup> Cf. nota 43. *leão* (ou *figura*) *de proa* era uma figura decorativa em madeira, muitas vezes com formas animais, usada na proa dos navios entre os séculos XVI e XIX.

<sup>125</sup> Parca – identificadas com as Moiras gregas, as Parcas eram, em Roma, as deusas do destino, sendo representadas como três irmãs fiandeiras. A passagem refere-se a Átropos, a quem competia cortar o fio da vida.

<sup>126</sup> Penedo das Lágrimas – segundo Ricardo Jorge (1999: 413), era uma penha da margem do Douro, próxima do Porto, cuja memória se terá perdido entretanto.

Acabada não era a história quando  
entre suores Gil ia enfiando,  
de tal sorte, tal modo e tal maneira  
que lhe deu uma forte caganeira,  
535 e meio iscado, com as mãos nas calças,  
julga que as narrações todas são falsas.

Com as mãos no nariz Torcato acode,  
para ver se estas quebras soldar<sup>127</sup> pode,  
e cheirando-lhe mal o fim da empresa,  
540 para o discurso apela com presteza,  
mas rezões não achando a que recorra,  
desespera de Gil por dar em borra<sup>128</sup>.  
Para o seu gado vai com toda a pressa,  
porque a noite a fazer fuscas<sup>129</sup> começa;  
545 e porque era o seu gado  
de Bodes e Cabrões, Gil enfadado  
lhe disse, soltando inda os escaninhos<sup>130</sup>[:]  
[“–] Para ti, Guardiã<sup>131</sup> dos Barbadinhos<sup>132</sup>.[”]

---

<sup>127</sup> soldar quebras – segundo Morais, refazer a amizade, sanar desavenças.

<sup>128</sup> borra – de acordo com Morais, “as fezes, e alimpaduras”.

<sup>129</sup> fuscas – variante de *foscas*; o mesmo que *fosquinhas*.

<sup>130</sup> soltar os escaninhos – no contexto, suponho que significa soltar ventosidades.

<sup>131</sup> Guardiã – segundo Bluteau, título que se dá aos superiores de alguns conventos de S. Francisco.

<sup>132</sup> Barbadinho – religioso pertencente a uma das ordens franciscanas reformadas.

### **Bibliografia:**

BASTO, A. de Magalhães (1934), *História da Santa Casa da Misericórdia do Pôrto*, Vol. I, Porto, Santa Casa da Misericórdia do Pôrto.

BASTO, A. de Magalhães (1963), *Sumário de antiguidades da mui nobre cidade do Porto*, 2.<sup>a</sup> edição, Porto, Livraria Progresso.

BECCARIA, Cesare (s.d.), *Dei delitti e delle pene*, Letteratura italiana Einaudi (Edizione di riferimento: a cura di Renato Fabietti; Milano, Mursia, 1973) [consulta em 08/12/2017]. Disponível em [http://www.letteraturaitaliana.net/pdf/Volume\\_7/t157.pdf](http://www.letteraturaitaliana.net/pdf/Volume_7/t157.pdf) Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Ms. 388.

BLUTEAU, Rafael (1712-1728), *Vocabulário Portuguez e Latino (...)*, 10 vols., Coimbra / Lisboa, Colégio das Artes / Pascoal da Sylva / Joseph Antonio da Sylva / Patriarcal Officina da Musica.

(1791) *Collecção chronologica dos assentos das Casas da Suplicação e do Cível*, Coimbra, Real Imprensa da Universidade.

FERREIRA, J. A. Pinto (1953), “A Praça da Ribeira”, Separata do *Boletim Cultural*, Porto, Câmara Municipal, Vol. XV, 8 e 9.

FOUCAULT, Michel (1986), *Vigiar e punir: nascimento da prisão*, tradução de Lígia M. Pondé Vassalo, 4.<sup>a</sup> ed., Petrópolis, Vozes.

JORGE, Ricardo (1999), *Francisco Rodrigues Lobo: estudo biográfico e crítico*, Reedição fac-similada, Prefácio de Rita Marnoto, Lisboa, Fenda.

LIMA, Fernando de Castro Pires de (1965), *A lenda do senhor do galo de Barcelos e o milagre do enforcado*, Prólogo de D. Ramón Otero Pedrayo, Lisboa, Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, Gabinete de Etnografia.

MEIRELES, Maria Adelaide de Azevedo (1981), “A actividade livreira no Porto no século XVIII (Contribuição para o seu estudo)”, *Revista de História*, vol. 4, pp. 7-22.

SECCO, António Luiz de Sousa Henriques (1880), *Memórias do tempo passado e presente para lição dos vindouros*, vol. 1, Coimbra, Imprensa da Universidade.

SILVA, António de Moraes (1889), *Diccionario da lingua portugueza*, 2 vols., Rio de Janeiro, Empreza Litteraria Fluminense.

TOPA, Francisco (2012), *Um G(onç)alo Renascido: poesia inédita do brasílico Gonçalves Soares da Franca*, Porto, Sombra pela cintura.